

ATUAÇÃO DE ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM DURANTE A EXPOSIÇÃO ÍNTIMA DO PACIENTE

Vitória Raíssa Barros ¹
Rubenita Kelly de Lima Silva ²
Mércia Thaisa Araújo Costa Homero ³
Leticia Barros Maurício de Sá ⁴
Olagide Wagner Castro ⁵

INTRODUÇÃO

Nos primeiros períodos de enfermagem, o estudante tem ciência que à medida que avança no curso será necessário expor a intimidade do paciente, tendo em vista, que essa exposição ocorre de forma rotineira dentre os cuidados de enfermagem (SILVA et al., 2012). Assim que os alunos aprendem a semiologia, contendo técnicas como realização do exame físico, além de métodos como passagens de sondas vesicais, higienização do paciente e outros procedimentos, o estudante é posto em prática, sendo uma delas, o contato com a exposição íntima do paciente, o que pode causar desconfortos, constrangimentos, receios, nervosismo e vergonha nos estudantes (LIMA e BRÊTAS, 2006). Além da exposição do paciente, há riscos de assédio sexual, tendo em vista ser um curso, majoritariamente feminino (NOGUEIRA et al., 2021), a qual sofre erotização da profissão, aumentando a incidência de registros de casos de assédio (COFEN, 2021; ROCHA, 2022). Visto que as instituições educacionais de ensino superior não contribuem de forma eficaz para a conscientização dos procedimentos realizados e dos riscos que estão envolvidos, de forma que se faz necessário preparo técnico e psicológico, além de conhecimento legislativo sobre os direitos do profissional e como lidar com casos de assédio, por exemplo. Diante deste cenário, o presente estudo tem por objetivo analisar a percepção dos estudantes de Enfermagem de nível superior, sua preparação educacional e sua atuação enquanto futuros profissionais da saúde frente à exposição íntima do paciente, além de analisar se existem lacunas nos planos de ensino de instituições de ensino superior em enfermagem.

¹ Graduanda de Enfermagem da Universidade Federal de Alagoas enfermagemvitoriarayssa@gmail.com;

² Graduanda de Enfermagem da Universidade Federal de Alagoas, rubenita.silva@eenf.ufal.br;

³ Graduanda de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Alagoas, mercia.homero@icbs.ufal.br;

⁴ Graduanda de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Alagoas, leticia.sa@icbs.ufal.br;

⁵ Prof. Orientador: Doutor, Instituto de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Alagoas, olagide.castro@icbs.ufal.br.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de opinião de caráter qualiquantitativo realizado com estudantes de Enfermagem de nível superior do primeiro ao décimo período, de universidades localizadas no município de Maceió-AL. O estudo foi desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa e Extensão Sexualidade Sob Múltiplos Olhares, que faz parte do Instituto de Ciência Biológicas e da Saúde (ICBS) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e é composto por professores e acadêmicos da UFAL.

A pesquisa foi realizada entre 15 de maio a 15 de junho de 2022, por meio de um formulário digital da plataforma *Google Forms*, contendo 13 perguntas, sendo 6 perguntas objetivas e 7 perguntas discursivas, com o intuito de identificar a preparação e perspectiva dos estudantes, mediante a cenários de prática de exposição íntima do paciente e os sentimentos relacionados a ela. O formulário pôde ser respondido por alunos do primeiro ao décimo período da graduação de enfermagem.

A amostra preliminar resultou em 51 estudantes, sendo 45 correspondentes do sexo feminino e 6 ao sexo masculino. A faixa etária dos participantes variou entre 20 a 63 anos, sendo 44 participantes entre 20 a 24 anos.

Ressalta-se que a participação foi voluntária e os únicos dados solicitados foram, apenas, o sexo, idade e período do curso por serem informações relevantes para o desenvolvimento da pesquisa e ação mantendo os estudantes em anonimato.

REFERENCIAL TEÓRICO

O cuidar é a função essencial do enfermeiro e é neste contexto que há a interação direta entre o cuidador e quem recebe o cuidado (VALE & PAGLIUCA, 2011). O(a) enfermeiro(a) tem em seu corpo um instrumento do cuidado, tendo em vista, que a expressão corporal vai além da linguagem verbal, a qual envolve todos os sentidos e, entre eles, o tato possui papel primordial no ato de cuidar, pois o corpo se expressa e está envolvido nas emoções que produz (LIMA e BRÊTAS, 2006).

O tema sexualidade, ainda é um tabu na sociedade atual, o que reflete nas unidades de ensino, como escolas e universidades (SILVA et al., 2018; SILVA et al., 2021; ANGELO et al., 2021). Apesar da universidade inteirar sobre como o estudante deve entender o corpo do paciente, e ter cuidado com ele, em consonância com Ressel (2003), fica claro a escassez de estudos na área de sexualidade que, predispõe a enfermagem, e a forma a qual o tema é

abordado, mantendo uma visão biomédica, limitando-a a sua reprodução ou a forma patológica. Ressel acrescenta:

“A sexualidade torna-se “*invisible*” quando não questionada sua possibilidade de existência em nosso cotidiano profissional. Não a vemos, não a tocamos, ela é totalmente subjetiva e abstrata, assim a desconhecemos e a ignoramos em nossa prática de enfermagem.” Ressel (2003, p.37)

É imprescindível salientar que o profissional da enfermagem está amparado institucionalmente pelo Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem descrito na Resolução Cofen Nº 564/2017, o qual garante no Art. 2º o direito de:

“Exercer atividades em locais de trabalho livre de riscos e danos e violências física e psicológica à saúde do trabalhador, em respeito à dignidade humana e à proteção dos direitos dos profissionais de enfermagem.” Resolução Cofen Nº 564/2017 (2017, p.1)

Dessa forma, é importante que os estudantes compreendam que se houver assédio, grande desconforto, fazendo com que o discente não consiga exercer a sua função com liberdade e segurança, o mesmo deve saber se posicionar e a quem recorrer para a resolução do problema. De modo igual, Costa e colaboradores (2018), afirmam que os estudantes devem ser estimulados a refletir sobre cenários que surgem de conflitos e impasses éticos, na perspectiva de procurar estratégias de abordagens que contemplem os direitos humanos de todos que se encontram envolvidos no processo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os participantes do formulário não foram identificados por nome, apenas pelo sexo, idade e o período que se encontra no curso. Assim, a média de idade dos participantes foi de 32 anos, sendo a maioria mulheres (88,20% mulheres, 11,80% homens), estudantes de enfermagem do 1 ao 10 período. Dentre os 51 participantes, apenas 32 já realizaram algum procedimento que foi preciso expor a intimidade do paciente, o que corresponde a 62,74% dos participantes. Destes 32 participantes, 56,25% se sentiram nervosos, e/ou receosos, e/ou constrangidos, e/ou apreensivos e/ou desconfortáveis. Igualmente, para Lima e Brêtas (2006):

“Há um grande constrangimento e significativa vergonha pelas estudantes quando vão examinar a genitália do cliente. Dessa forma, diante de tanta vergonha e desconforto da estudante, acaba-se evitando examinar tal região. Referem que não se sentem à vontade por ser um incômodo muito grande caso o cliente tenha uma ereção”. Lima e Brêtas (2006, p.5)

Foi observado que todos os participantes, apesar de receosos, afirmaram entender a importância dos procedimentos e de se manter calmo para transparecer tranquilidade ao paciente, não hesitando realizar a prestação do cuidado. Contudo, a sexualidade é ignorada pela construção de conhecimento tradicional e velada, pois tem como base um contexto

histórico de censura, ao que condiz a sexualidade. Na enfermagem a sexualidade também é tratada como um tabu, a qual é identificada pela falta de estudos, diálogos e reflexões (LIMA e BRÊTAS, 2006).

Na pesquisa, 62,74% dos participantes afirmaram estar acompanhados durante a realização dos procedimentos de exposição íntima do paciente, o que trouxe mais segurança para a realização do cuidado naquele momento. Sobre o ambiente de prática onde os procedimentos foram feitos, trouxeram os 3 níveis de atenção à saúde: primária, secundária e terciária. Dentre as perguntas, também foi considerado o nível de consciência do paciente, sendo 21,87% dos pacientes sob uso de alguma substância capaz alterar o seu nível de consciência e 78,13% dos pacientes não estavam sob uso de substância que alterasse o nível de consciência.

Dentre os 62,74% dos acadêmicos que já tiveram contato com a exposição íntima do paciente, 6,25% já sofreram algum tipo de assédio. Haja vista que “o assédio sexual atinge, mais frequentemente, as mulheres e constitui uma das muitas violências sofridas em seu dia a dia” (BRASIL, 2016; SOUZA et al, 2021). Logo, vivenciar o assédio durante a formação acadêmica pode repercutir na saúde psíquica e física dos estudantes, resultando em relações interpessoais conflituosas, o que de certo modo pode desmotivar os estudantes em relação ao curso e refletir no perfil desses futuros profissionais.

Em consonância a isso, Souza e colaboradores (2021), retratam que o agressor em sua maioria é do sexo masculino e as vítimas mais frequentes de abuso sexual são mulheres jovens com pouco tempo de atuação. Como resultante, cria-se o constrangimento e o sentimento de vergonha, de tal modo que pode elevar o nível de estresse (SOUZA et al, 2021) e resultar em problemas psicoemocionais, físicos que podem conduzir à insatisfação e afetar o cuidado a ser prestado, além da relação com os pacientes (MARQUES & SILVA, 2017).

Outra pergunta foi direcionada para saber o quanto os estudantes se sentem preparados para lidar com possíveis situações de exposição íntima do paciente que possam causar algum tipo de constrangimento. Como resultado, 51% responderam que não se sentem preparados e 49% responderam que se sentem preparados. O sentimento de despreparo muitas vezes está associado à falta de conhecimento e de debates acerca da sexualidade para esses futuros profissionais. Desse modo, Sehnem e colaboradores (2013), enfatizam a importância de incentivar debates e estudos sobre sexualidade na prática da enfermagem e acrescentam:

[...] ressalta-se a necessidade de aprofundamento das questões relativas à sexualidade humana nas disciplinas e conteúdos curriculares do curso de graduação em Enfermagem [...] Fornecer conhecimentos específicos de forma a desmistificar o tema e reduzir os medos, os preconceitos e os constrangimentos do profissional, no momento em que ele desenvolve suas atividades. Sehnem et. al (2013, p.4)

Logo após, foi questionado sobre como esses participantes acham que o estudante e o profissional da enfermagem deve se portar em uma situação de constrangimento. Como resultado, 1,96% dos participantes não souberam responder, já os 98,04% deram respostas sem fundamentações teóricas, de modo que é possível observar a falta de conhecimento legislativo, sobre os direitos e condutas de enfermagem.

Por fim, foi perguntado se os estudantes tinham algo a acrescentar. No entanto, apenas 31,38% dos participantes responderam, destes, 87,5% afirmaram não ter o que acrescentar, e 12,5% acrescentaram sobre a necessidade de uma preparação maior por parte da universidade, além do aprofundamento no que tange o conhecimento sobre sexualidade. Igualmente, ao analisar sobre a preparação de estudantes do ensino superior como futuros profissionais, Silva e colaboradores (2018) afirmam que os estudantes de graduação não se sentem preparados para abordar sobre sexualidade, o que pode influenciar a custo na carreira profissional.

Mediante os resultados, é possível sugerir que a educação atual na graduação de enfermagem falha com a preparação dos estudantes, no que tange a inserção no meio dos estágios e práticas. A preparação não se baseia apenas no científico, mas também no bem estar do profissional em formação. Por isso, os estudantes devem ser qualificados e instruídos, para que não venham sofrer com as práticas, e sim extrair delas o aprendizado saudável, além de poder exercê-la com liberdade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossos resultados sugerem que os estudantes não são devidamente preparados antecipadamente para vivência da sexualidade na sua rotina de trabalho. Desta forma, não sabem como agir ou como se proteger fisicamente e psicologicamente frente a uma condição de assédio ou outro tipo de constrangimento no ambiente de cuidado.

Portanto, entende-se que há uma necessidade de melhoria na preparação desses futuros profissionais antes de adentrar nas práticas de contato direto com a exposição do paciente que podem predispor a problemas, para que, desta forma haja progresso na qualidade do atendimento, na segurança do paciente e do acadêmico, visando confiança durante o cuidado prestado, evitando constrangimentos e traumas que possam afetar o psicossocial do estudante em formação, atuando com respeito, dignidade e ética no cuidado.

Palavras-chave: Educação em enfermagem; Enfermagem prática; Pesquisa em Enfermagem; Educação sexual.

REFERÊNCIAS

- ANGELO, L.K.G.; *et al.* Influência familiar e de outras fontes de informações na construção dos conhecimentos dos adolescentes acerca da sexualidade. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.7, n.2, p. 20433-20444. 2021.
- BRASIL. Conselho Nacional do Ministério Público. Cartilha: Assédio moral e sexual: previna-se. Brasília: CNMP, 2016.
- COFEN. Resolução 564 de 2017. Aprova o novo Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem. Cofen, 2017.
- COFEN. Conselho Federal de Enfermagem. Erotização da Enfermagem é desserviço às mulheres e estimula violência sexual. **COFEN**, 2021. Disponível em: <http://www.cofen.gov.br/erotizacao-da-enfermagem-e-desservico-as-mulheres-e-estimulaviolencia-sexual_93068.html>. Acesso em: 22 jun. 2022.
- LIMA, RC; BRÉTAS, JRS. A corporalidade do cliente segundo representações de estudantes de enfermagem. **Rev Bras Enferm.** v. 59, n. 6, p. 727-733, 2006.
- NOGUEIRA, I. C. *et al.* O debate de gênero como desafio na formação de enfermeiras e enfermeiros. **Rev Bras Enferm.** v. 74, n. 5, p. , 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0034-7167-2020-1001>>
- MARQUES, D.; SILVA, I.S. Violência no trabalho: um estudo com enfermeiros/as em hospitais portugueses. **Rev. Psicol. Organ. Trab.** Brasília, v. 17, n. 4, p. 226-234, dez. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.17652/rpot/2017.4.13886>. Acesso em 06 ago. 2022.
- RESSEL, L. B. **Vivenciando a sexualidade na assistência de enfermagem: um estudo na perspectiva cultural.** LÚCIA BEATRIZ RESSEL - SÃO PAULO: L. B. RESSEL; 2003. 333P
- ROCHA, S. R. S. Relações de gênero na formação profissional: desafios no campo da enfermagem. 2022. 28 f. **Trabalho de Conclusão de Curso** (graduação em Enfermagem), Centro de Educação e Saúde, Universidade Federal de Campina Grande, Cuité, 2022. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/24086>.
- SEHNEM, G.D.; *et al.* A sexualidade na formação acadêmica do enfermeiro. Escola Anna Nery. v. 17, n. 1 , p. 90-96, 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1414-81452013000100013>>.
- SILVA, C.A.A.; *et al.* Sexualidade, diálogo e extensão universitária: Ações em promoção à saúde. **Ensino de Ciências e Tecnologia em Revista.** v. 8, n. 1. 2018.
- SILVA, J.R.; *et al.* Nudez do paciente sob a óptica de estudantes da área de Enfermagem Fundamental. **Revista Brasileira de Enfermagem.** v. 65, n. 3, p. 428-436. 2012. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0034-71672012000300006>>.
- SILVA, C.L.A.; *et al.* Importância da escola no conhecimento empírico sobre infecções sexualmente transmissíveis e métodos contraceptivos: promoção da saúde na rede pública de ensino. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 2, p. 20421-20432, 2021.
- VALE, E.G.; PAGLIUCA, L.M.F. Construção de um conceito de cuidado de enfermagem: Construção de um conceito de cuidado de enfermagem: contribuição para o ensino de graduação. **Rev Bras Enferm**, Brasília. jan-fev; v. 64, n. 1, p. 106-113. 2011.